

QUILOMBO, NARRATIVAS E IDENTIDADE: o olhar da memória

José Luiz Xavier Filho¹

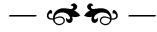
RESUMO: O objetivo desse trabalho é propor um debate reflexivo sobre como construir histórias de comunidades quilombolas através da valorização e da apropriação das narrativas contadas pelos membros do quilombo, enfatizando as memórias e tradições orais, assim como seu legado histórico, fazendo uma analogia entre o seu passado escravista, a história sobre seus antepassados e o tempo presente da comunidade, tendo em vista as contribuições estabelecidas na construção da identidade de seus moradores. O objeto desse estudo é a comunidade quilombola Sambaquim, localizada no município de Cupira - PE, e como construímos sua história através da valorização e da apropriação das narrativas contadas pelos membros da comunidade, enfatizando as memórias e tradições orais, assim como seu legado histórico, e o tempo presente da comunidade. A vivência do cotidiano é uma das fontes mais ricas para a construção de um estudo sobre a memória de um povo e das suas relações sociais com o meio em que vivem e as sociedades urbanas contemporâneas.

Palavras-chave: Quilombo. Memória. Tradição. Oralidade. História Oral.

QUIILOMBO, NARRATIVES AND IDENTITY: the look of memory

ABSTRACT: The objective of this work is to propose a reflective debate on how to build stories of quilombola communities through the valorization and appropriation of the narratives told by quilombo members, emphasizing oral memories and traditions, as well as their historical legacy, making an analogy between the its slave past, the history of its ancestors and the present time of the community, considering the contributions established in the construction of the identity of its residents. The object of this study is the Sambaquim quilombola community, located in the municipality of Cupira - PE, and how we built its history by valuing and appropriating the narratives told by community members, emphasizing oral memories and traditions, as well as their historical legacy, and the present time of the community. The experience of everyday life is one of the richest sources for the construction of a study on the memory of a people and their social relations with the environment in which they live and contemporary urban societies.

Keywords: Quilombo. Memory. Tradition. Orality. Oral History.



Introdução

Os diálogos que estão inseridos neste trabalho são muito mais valiosos do que mera descrição. São registros históricos de um povo, que por muito tempo foi silenciado pela sociedade da qual faz parte. Nossa função, como historiador, é levar adiante a pesquisa, tecendo a trajetória histórica do Quilombo Sambaquim, através de suas memórias, tradições e manifestações culturais.

Procuramos entender e transcrever a trajetória social de um grupo que não se assumia como quilombola, devido ao preconceito sofrido pelos moradores da zona urbana, mas conheciam suas origens e ancestralidade por meio das oralidades de seus antepassados. Foi depois da certificação de comunidade remanescente, aliada à valorização da cor negra, que discursos politizados e lutas por espaços dentro da conjuntura política municipal se fizeram presentes.

Logo, priorizamos a oralidade do grupo por acreditarmos e defendermos que é um método muito eficaz de se conhecer a origem de uma comunidade ágrafa e de tradições orais, sendo assim, é a voz do quilombola sendo ouvida, que há muito tempo foi silenciado pela sociedade, enfatizando assim, uma história sob a ótica negra.

¹ Graduado em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), especialista em Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENTI), Docência do Ensino Superior pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENTI) e História e Cultura Afro-Brasileira pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEDIG), professor de História do quadro efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos – PE, ID Lattes: 4762-4290-4020-2808, ORCID: 0000-0001-9088-8610, E-mail: jlxfilho@hotmail.com

Além das narrativas, elaboramos e seguimos um roteiro com 22 perguntas produzidas com direcionamento focado sobre o que pretendíamos estudar, para assim desenvolvermos nossa pesquisa. Perguntas sobre a vida pessoal do quilombola e da comunidade, conceitos de quilombo, de ser quilombola, negritude, ancestralidade, territorialidade, formas de trabalho e os aspectos culturais da comunidade, nos forneceram embasamento para entender o quilombo.

A memória é mais do que uma experiência ou vivência individual armazenada. Ela faz parte de um conjunto: pessoas e meio. O acesso à memória individual enriquece a pesquisa em caráter biográfico, a identidade de um indivíduo; já a contribuição da memória coletiva, ela nos dá uma amplitude de contexto social, no caso do quilombo, as relações entre os membros. Por isso nos apropriamos das ideias de Halbwachs (2003). Ele nos serve de referência, devido ao valor dado à memória coletiva.

Foi importante também para esse estudo, para nós que trabalhamos com as questões relacionadas à memória histórica, social e cultural, os ensinamentos de Michael Pollak (1989, 1992), pois, para o autor, o depoimento oral tem o mesmo valor que um documento escrito enquanto fonte para pesquisa, cabendo a nós, pesquisadores, desenvolver metodologias para analisar e criticar as narrativas.

Utilizamos as teorias de História Oral de Verena Alberti (2004, 2005), que, segundo a autora, por meio da entrevista, quer seja de vida ou temática, fornece subsídios para a pesquisa, podendo ou não alcançar aquilo que se deseja na memória do indivíduo. Para complementar nosso aporte teórico sobre História Oral, utilizamos os conceitos de José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2014). As histórias foram contadas e os diálogos registrados por meio da gravação, assim, forneceram-nos material necessário para transcrever e socializar os seus pensamentos, no que diz respeito à ideia de construção do sujeito quilombola. Logo, a História Oral “ao valer-se da memória estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins” (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 14).

O artigo é resultado de uma pesquisa de campo realizada no quilombo Sambaquim, no município de Cupira – PE. Tem como objetivo apresentar a construção da identidade negra e a história da comunidade relatada sob as teias da memória coletiva, da tradição oral e as manifestações culturais herdadas pelos seus ancestrais.

Historiografia quilombola e a comunidade remanescente Sambaquim pelos quilombolas

Entre os séculos XVI e XIX, nas Américas, foram formadas sociedades coloniais em que predominou a forma de trabalho escravo com indígenas e, principalmente, africanos. A diáspora africana, ocasionada pelo tráfico de negros, marcou e consolidou um sistema econômico e a formação do que ficou conhecido como mundo moderno. Uma grande parcela de africanos, vendidos como escravos, veio para o Brasil, condicionados a uma vida de subordinação e dominação pelos brancos portugueses, acarretando assim, na desvalorização da população negra.

De origens múltiplas, todos eles foram transformados – na visão dos europeus – em africanos, como se houvesse homogeneidade para inúmeros povos, línguas, culturas e religiões. Ao atravessar o atlântico, entraram em contato com um ambiente de trabalho intenso, de exploração e de produção de riquezas. O sistema colonial nas Américas se nutria cada vez mais de mão de obra escrava, para trabalhar na terra e na agricultura voltada para o mercado mundial.

(GOMES, 2015, p. 8).

Mas, mesmo com a vida a qual foram submetidos, houve também encontros com povos de diferentes culturas, religiões e saberes. As sociedades escravistas conheceram várias formas de protesto. Segundo João Reis e Flávio Gomes, “onde houve escravidão, houve resistência” (REIS; GOMES, 1996, p. 9). Insurreições, rebeliões, assassinatos, destruição de ferramentas e incêndios de plantações foram algumas das formas que o negro encontrou de se rebelar contra o sistema vigente. Fugas e agrupamentos de escravos fugidos também se mostraram como expressões de resistência.

Tinha nomes diferentes: na América espanhola, palenques, cumbes etc; na inglesa, marrons; na francesa grand marronage (para diferenciar da petit marronage, a fuga individual, em geral, temporária). No Brasil esses grupos eram chamados principalmente de quilombos e mocambos e seus membros, quilombolas, calhambolas ou mocambeiros. (Idem, 1996, p. 10).

Eram sociedades político-militares, que nasceram de movimentos de insurreições, levantes, revoltas armadas, proclamando a queda do sistema escravocrata. Frequentemente aqueles movimentos tomavam a forma de quilombos à semelhança de Palmares. Os quilombos existiram em múltiplos pontos do país, por decorrência das lutas ocorridas em diferentes lugares. Segundo Rafael Sanzio dos Anjos:

É no território étnico, um espaço político, físico e social, que estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população, um espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente, dotado de uma população com traço de origem comum. A terra tem grande importância na temática da pluralidade cultural brasileira, no processo de ensino, planejamento e gestão, principalmente no que diz respeito às características territoriais dos diferentes grupos étnicos que convivem no espaço nacional. (ANJOS, 2006, p. 15).

Logo, a terra é a fonte de renda e sustentabilidade dos quilombos, sendo um espaço comum onde se formam vínculos socioculturais. Portanto, a relação destas pessoas com o território em que ocupam é algo único, particular, fruto da história, do medo das perseguições e do instinto de sobrevivência que os levaram a se fixar em determinados pontos.

Hoje, os quilombos estão localizados em quase todo o território nacional, principalmente nas áreas rurais. Incorporados às áreas urbanas e periféricas das cidades. Essas comunidades tradicionais caracterizam-se por apresentar diferentes níveis de inserção na sociedade.

O conceito de comunidade quilombola, portanto, tem origem no campesinato negro, povos de matriz africana que conseguiram ocupar uma terra e obter autonomia política e econômica. Ao quilombo contemporâneo está associada uma interpretação mais ampla, mas que perpetua a ideia de resistência do território étnico capaz de se organizar e reproduzir no espaço geográfico de condições adversas, ao longo do tempo, sua forma particular de viver. [...] As comunidades quilombolas emergiram e apresentam visibilidade no movimento do campesinato brasileiro, em se tratando das políticas afirmativas e de reparação social.

(Idem, 2006, p. 52).

Nesse contexto contemporâneo, Cupira, cidade do agreste pernambucano, preserva ainda uma região de descendentes dos quilombos, o Quilombo Sambaqui, em Sítio homônimo. Essa comunidade constitui um quilombo contemporâneo, que não representa mais um espaço de fuga, estrategicamente isolado.

É necessário que nos libertemos da definição arqueológica, da definição histórica stricto sensu e das outras definições que estão frigorificadas e funcionam como uma camisa de força, ou seja, da definição jurídica dos períodos colonial e imperial e até daquela que a legislação republicana não produziu, por achar que tinha encerrado o problema com a abolição da escravatura, e que ficou no desvão das entrelinhas dos textos jurídicos. A relativização dessa força do inconsciente coletivo nos conduz ao repertório de práticas e às autodefinições dos agentes sociais que viveram e construíram essas situações hoje designadas como quilombo. (ALMEIDA, A. W. B., 2002, p. 63).

Sob o viés historiográfico é possível perceber, hoje, que as comunidades remanescentes quilombolas não permaneceram estáveis com o passar do tempo. Elas mudaram conforme a dinâmica da história, isto é, não são apenas terras dos negros fugidos dos tempos coloniais.

Nossa pesquisa não se limita a tratar e definir o Quilombo Sambaqui com base apenas em conceitos e definições, e sim, procurando questionar e entender como foi construída a ideia de quilombo e de ser quilombola através de seus aspectos culturais - estes, entendemos, que formam sua identidade como comunidade remanescente.

É preciso pensar nesses grupos como possuidores de articulações sociopolíticas e econômicas próprias e não de forma teatralizada, como se fosse possível criar um estereótipo daquilo que se espera que sejam, como se estivessem emolduradas em um tempo e espaço que não se modificaram desde a escravidão. A existência de comunidades quilombolas, na acepção contemporânea do termo, está indissociavelmente ligada ao processo de integração social desses sujeitos. Ela rompe com a possibilidade de manutenção da percepção estática tradicional na qual os quilombolas continuariam sendo considerados como grupos de ex-escravos que se refugiavam e se organizavam no sentido de reagirem e se rebelarem contra o regime a qual estavam submetidos. (SANTOS; DOULA, 2008, p. 73).

Apesar de terem resistido à exclusão histórica, acentuando a importância da diversidade em nosso país, os quilombos ainda enfrentam a desigualdade instalada na sociedade e os preconceitos dela derivados. Alguns dos quilombos são chamados de:

Comunidades negras tradicionais, mocambos, comunidades negras rurais, quilombos contemporâneos, comunidades quilombolas ou terras de preto, pertencem finalmente a si mesmos, e conformam um patrimônio territorial e cultural inestimáveis. (ANJOS, 2006, p. 67).

As comunidades remanescentes quilombolas guardam memórias específicas que ajudam a contar outra história do Brasil, uma história na qual as ditas “minorias” ocupam o lugar de sujeitos protagonistas e não de meros colaboradores. Nesse processo, a identidade é peça chave no resgate da história e memória dessas comunidades. Ao mesmo tempo, servem de meio para uma politização em busca de direitos sociais que foram historicamente negados a esses grupos.



Figura 1 - Localização de Cupira.
Fonte: WIKIPÉDIA, 2020.
Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cupira>. Acesso em 12 julho. 2020.

Para maior compreensão dos estudos sobre as comunidades quilombolas contemporâneas, é necessário desvincular-se da ideia do passado, abrindo uma nova concepção de comunidade e de suas relações sociais. Apropriar-se da ideia de que são espaços voltados para uma questão de identidade e territorialidade, os quais remetem à valorização de suas tradições e histórias relevantes para a consolidação da comunidade negra ali estabelecida. Nas palavras de Anjos, pensar:

Em um conceito de quilombo mais amplo na atualidade, como um segmento da sociedade brasileira excluído secular e historicamente, que tem direitos e garantias territoriais reconhecidos, porém ignorados. Negar a importância da população de ascendência africana é, na verdade, negar a verdadeira identidade brasileira. (Idem, 2006, p. 75).

No quilombo Sambaquim é através das manifestações e expressões culturais (festas e ritos religiosos, músicas e danças) que os quilombolas lutam por um espaço e resistem à tentativa de ter a sua cultura considerada subalterna e periférica. A partir dessas manifestações, os indivíduos passam a se identificar com suas tradições, valorizando suas origens. As identidades são contestadas a partir de um novo olhar, não confirmando o caráter de subalternidade, de modo construtivo no processo de formação dessa identidade.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2003, p. 109).

Ao pensarmos sobre o processo da formação da identidade quilombola, levamos em consideração que existem esferas individuais e sociais conectadas, que se constroem no cotidiano da comunidade. Sendo assim, a história, a tradição, a oralidade, a cultura e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social fazem parte da construção identitária de cada membro da comunidade.

Significa pensar em grupos sociais cuja identidade se constrói em um processo dinâmico, na união de fatores diversos: história cultura e relações de poder. É pensar em atores sociais detentores de discursos múltiplos que se constroem como sujeitos em suas relações com seus pares e com o universo externo às comunidades em que vivem. Ignorar as diferenças e peculiaridades desses sujeitos, certamente apresenta-se com um fator negativo para a construção de sua identidade. (SANTOS; DOULA, 2008, p. 82).

Com isso refletimos na importância do processo de construção da identidade negra nas comunidades quilombolas. O estudo do cotidiano, das memórias e das tradições orais da comunidade, possibilita-nos analisar as mais diversas relações sociais do quilombo, bem como as formas como as questões culturais se moldaram através do tempo até os dias atuais.

Memória e tradição do quilombo Sambaquim na contemporaneidade

Dentro da comunidade remanescente é de fundamental importância a construção de sua história, visto que a oralidade em Sambaquim é a fonte que faz perpetuar o conhecimento, através

das gerações. Conforme Matos e Castro, em comunidades quilombolas, “os aspectos simbólicos da memória familiar da escravidão” (MATTOS; CASTRO, 2006, p. 109) são comumente destacados nas narrativas, principalmente dos mais velhos. As histórias são construídas de acordo com a produção da memória coletiva. As narrativas são “elaboradas e reelaboradas em função de relações tecidas no tempo presente” (Idem, 2006, p. 109).

A priori, quando começamos a pesquisa em Sambaquim, na busca sobre sua historicidade, investigamos sua ancestralidade e descobrimos que o nome do quilombo foi dado pelos “antigos”. Palavra que faz referência constantemente na fala dos quilombolas quando se referem aos seus antepassados.

Ói, a origem, segundo os mais antigos, tinha uma árvore com um nome Sambaquim e por isso ficou chamado comunidade Sambaquim.

Pesquisador: Nos casos os mais antigos são teus avós?

É bisavós, eram esses... (Quitéria Josefa da Silva, 43 anos).

Outras definições dadas pelos moradores confirmam a descrição feita por Quitéria Josefa da Silva, como no caso da fala de Otávio Miguel da Silva:

A origem do Sambaquim? Quer dizer que a origem aqui... O nome de Sambaquim vem, eu vou falar pra você. Eu não conheci o pau [árvore], mas ainda conheci umas raízeras de pau atravessado no barranco da água. Olhe, a origem de Sambaquim vou lhe mostrar. Você tá vendo aquela casa, por cima dessas duas que tem essa branca ali, naquele terreno de lavoura, lá no pé da serra a casa, depois o Sambaquim é daquela casa pra cá na baixa era um olho d’água antigo que se chamava Sambaquim. (Otávio Miguel da Silva, 76 anos).

A árvore se encontra na entrada da comunidade e, segundo os moradores, é nesse ponto que os *antigos* se encontravam ou se orientavam. Supõe-se que a árvore podia ser o marco referencial para os negros fugitivos, onde identificavam a entrada do quilombo. Além da função simbólica para a comunidade, ela é um ponto de referência para os limites territoriais. É comum na comunidade apontarem onde começa ou termina o quilombo, uma forma de demarcar o local e as fronteiras interétnicas², que, segundo eles, são pelos aspectos físicos da geografia local. As referências dos limites de Sambaquim, historicamente, são a árvore, da qual deriva o nome da comunidade, até a Serra do Bode. Depois, encontra-se outra comunidade quilombola.



Figura 2 - Árvore Sambaquim.
Fonte: Arquivo do autor, 2020.

² Nos apropriamos desse termo porque a comunidade faz fronteira com outra comunidade quilombola e com outros sítios, aos quais eles chamam de terra de brancos.



Figura 3 - Serra do Bode.
Fonte: Arquivo do autor, 2020.

O nome da serra é derivado de um conto que a comunidade conhece bem. João Miguel Filho compartilhou conosco:

Ali onde você tava era a Serra do Bode, não sei se lhe contaram a história da Serra do Bode pra você. Aqui ali, antigamente, era que nem o sertão, ninguém tinha um metro de terra, criava solto, né. Aí a finada mãe, falou, disse que, o cara vinha correndo dentro do mato atrás de um bode, aí chegou naquela pedra lá, você viu a pedra? Naquela pedra ali o bode pulou e ele pulou junto, não sabia a altura, porque dá uns 60 metros pra lá. Ele pulou junto e ficou enganchado numa calça de arrurado, o bode morreu embaixo, mas ele ficou enganchado e tiraram ele, o arrurado era um pano azul, bem azulzin, o caba ficou enganchado no toco e depois tiraram ele, aí botaram o nome Serra do Bode.
(João Miguel Filho, 71 anos).

A Serra do Bode também é referência a um “esconderijo” que ali existia. No topo, há uma gruta chamada Pedra da Lua, local onde os antepassados se escondiam. Informalmente, durante as andanças pelo quilombo, conversávamos com os moradores sobre esse local, e diziam que era ali que os antigos se escondiam. Não podemos provar com exatidão esse fato, fica apenas as falas de uma história movida pela tradição oral.

Sobre a geografia do local em que a comunidade está inserida, apresenta relevo bastante acidentado. As casas são dispersas no meio de serras altas, baixas e espessas.



Figura 04 - Vista Parcial do Quilombo Sambaquim.

Fonte: Arquivo do Autor, 2020.

Atualmente, vivem na comunidade 72 famílias³, predominantemente formadas por negros. Coletamos esse dado no posto de saúde da comunidade, no qual se faz a distribuição e a divisão dos núcleos familiares em três: entre quilombo e mediações (2) - isto é, as casas mais distantes. Esboçamos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Divisão Por Núcleo Familiar – PSF Sambaquim.

NÚCLEO FAMILIAR	NÚMERO DE FAMÍLIAS
Agente 01 (Sambaquim)	48
Agente 02 (Mediações)	17
Agente 03 (Mediações)	7

Fonte: PSF – Sambaquim, 2019-2020.

Segundo os agentes de saúde, esses números são muito variáveis, tendo em vista a quantidade de pessoas que saem da comunidade para morarem na cidade de Cupira ou em outros estados, em busca de oportunidades de trabalho ou de melhoria na qualidade de vida; ou até mesmo das pessoas que voltaram a morar na comunidade. E foi entre essas famílias, que residem no quilombo, que obtivemos informações sobre o “tempo antigo”: origem, vida na comunidade e suas dificuldades, tradições, contos e histórias.

É perceptível entre os quilombolas um sentimento comunitário mútuo e uma ligação forte à terra, local onde a maioria nasceu, “se criou” e fincaram suas raízes. O trabalho se resume a agricultura e, dessa forma, se torna escasso para a parcela que não quer trabalhar no cultivo e procuram trabalho “na rua”⁴.

A respeito da história do quilombo, João Miguel Filho foi apontado pelos moradores entrevistados como um referencial na comunidade. Ele narra a origem de Sambaquim através dos “negros fugidos de Palmares”:

³ Dados referente ao ano da pesquisa, 2019-2020.⁴ Palavra utilizada para se referirem a cidade de Cupira.

E então... também chegou, uns... acho que negros era refugiado da família dos quirinos, acho que foi na época que eles vinheram de Palmares, acho que quem acabou com esse negócio foi... o nome dele, esqueci o nome dele... Zumbi do Palmares, num foi ele que organizou uma associação por lá. Sei que esse negros, certamente vinheram de lá, que eles eram bem pretim, pretim mas pretim mesmo.

(João Miguel Filho, 71 anos).

Percebemos, em seus relatos, que sua memória individual não está isolada e fechada, sua fala é contextualizada, coerente com os outros relatos dos moradores. Lembrando que as conversas entre os moradores evocam lembranças antes esquecidas.

Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto. (HALBWACHS, 2003, p. 79).

Quando questionamos se João Miguel Filho sabia algo sobre a participação dos seus antepassados em movimentos ligados ao quilombo, ele nos fornece o seguinte:

Pesquisador: Os seus pais e avós (antepassados) já participaram de algum movimento ligado a quilombos?

O que eu sei dizer mesmo, é que minha finada mãe dizia, que ela pertencia a esse povo. A avó dela foi pegada e mãe dela foi pegada a dente de cachorro, que nem índio, caboclo brabo, você sabe, ela veio pro mato, e... refugiada, com certeza, já né. Diz que pegaram ela assim, diz que ela era bem pretinha, cabelo escorrido, e a finada mãe era desse mesmo jeito. Eu tenho um retrato dela aqui.

(João Miguel Filho, 71 anos).

Não pretendemos comprovar e descrever a origem exata do quilombo, porém observar por meio dos diálogos, que foram estabelecidos com os moradores da comunidade. O fato de usarmos as entrevistas e a história oral em Sambaquim potencializa nossa pesquisa porque nos dar acesso a pluralidade da memória e inúmeras perspectivas de um passado em comum. Ao mesmo tempo, a utilização da memória e a ênfase na tradição oral facilitam o contato numa comunidade onde esses aspectos fazem parte do cotidiano e da história dessas pessoas.

São os aspectos simbólicos da memória familiar da escravidão que mais se destacam nas narrativas, elaboradas e reelaboradas em função de relações tecidas no tempo presente, como em todo trabalho de produção de memória coletiva. (MATTOS; CASTRO, 2006, p. 169).

A comunidade quilombola Sambaquim, hoje, reconhece a sua importância não só para a cidade, mas para a história. Solônia Josefa da Silva, 38 anos, em nossa última conversa revelou que estava com medo do que queríamos, mas que agora não se sente mais com medo. Relatou que já tinham decidido, na Associação Comunitária de Remanescente de Quilombo Sambaquim de Cupira (ACORQ), a não responder mais nenhum “entrevistador” que fosse até eles. Todos que iam, conseguiam o que queriam e não traziam nada de volta à comunidade. Compartilhou que em nenhum momento desanimaram, e que, se passaram por situações ruins no passado, enfrentariam qualquer que surgisse. A identidade quilombola, assim, relaciona-se com os problemas sociais, os posicionamentos, e a resistência que protagonizam.

As identidades estabelecem uma conexão entre o presente da comunidade e a origem de um passado histórico em comum, com o qual elas continuam a manter uma certa

correspondência. Isso ficou evidente durante nossas entrevistas e nas relações sociais cotidianas da comunidade. Em contrapartida, a auto atribuição em se dizer quilombola, nos pareceu ser atribuída e construída por mediadores, pois as respostas adquiridas, quando questionamos “**o que é quilombo?**”, eram quase as mesmas, uma repetição do conceito. E alguns não sabiam responder.

Pesquisador: O que é quilombo?

Ói, não sei se vou responder no pé da letra, mas... Quilombo é o seguinte, quilombo acho que é aquele povo refugiado no tempo do cativeiro, né, que correram daquele mundo que não sei da onde, e saíram se refugiando. (João Miguel Filho, 71 anos).

Pesquisador: O que é quilombo?

Sei não.

Pesquisador: Mas o senhor sabe que mora em um quilombo, né?

É... os negros trabalhava apulso. Cativeiro né... o tempo do cativeiro. (José Joaquim da Silva, 74 anos).

Pesquisador: O que é quilombo?

O que eu conheço aqui... pra mim é... o que é quilombo, é aquela história que você, não sou quilombo, me considero descendente de quilombo, porque a gente já vive aqui numa terra sofrida, que vem dos escravos, acho que quilombo é essa coisa, viver da agricultura, não sei nem explicar, já peguei essa história caminhada, um pouco difícil pra mim ainda. (Solônia Josefa da Silva, 38 anos).

Através das falas dos nossos entrevistados, entendemos que os mediadores, possivelmente, foram os que trabalharam na comunidade durante o processo de titulação, em 2005. Esses, segundo os moradores, esclareceram o que era quilombo. Nessa ótica, não podemos afirmar com exatidão quando começou especificamente a discussão no quilombo, mas, através dos diálogos, o termo “ser quilombola” começa a ser usado após a fundação da ACORQ, estabelecendo uma relação com um dos papéis assumidos pela Associação: representar a comunidade nas questões sociais relativas ao quilombo e as atividades culturais e do campo.

O que é quilombo?

Ajuda né, é pra ajudar essa pobreza...

Esqueci o que é... num é o que ajuda as pessoas. (Josefa Estelina da Silva, 60 anos).

O que é quilombo?

Quilombo? Ói, o quilombo. Esse negócio, num é os quilombolas que fala. Esses quilombolas, que eu falo pra você. É um negócio pertencendo o povo antigo, que falava escravo, negros, né. [...] É isso mesmo, esse tal de quilombola pertence aos negros, aos escravos antigos. Só o couro. Esses negócios são os quilombolas, essa associação que tem carteira e tudo, são os quilombolas. Agora que aí já apareceu recurso pra nós e teve caba que passou a mão. (Otávio Miguel da Silva, 76 anos).

Esses posicionamentos foram discutidos com todos os entrevistados. Queríamos saber: o que entendiam por quilombo? Se consideram quilombolas? Como isso influencia em suas vidas? Nosso interesse não é definir o conceito de quilombo, mas saber até onde vai a compreensão dos moradores. O que consideramos relevante, portanto, são as memórias do grupo em relação ao que sabem sobre si mesmos, e o que foi apreendido com os antepassados sobre os conceitos legados.

Os membros da comunidade se assumem como quilombolas, pois o termo remete à associação da comunidade e as melhorias trazidas ao quilombo. Todos os nossos entrevistados

alegaram, de modo consensual, que Sambaquim mudou depois que “*virou quilombo*”. Tais mudanças vão desde os benefícios e recursos recebidos pelo grupo, até o modo como são vistos pela sociedade cupirense. Segundo o relato de Quitéria Josefa da Silva, confirmado por outros moradores, durante as feiras de rua semanais no centro de Cupira, antes do processo de titularização da comunidade, os quilombolas eram tratados com preconceito.

Olhe, antes assim a gente ia as vezes pra feira e as pessoas chamava a gente de negro. Chama, olha os negros de Sambaquim, sempre isso acontecia. Não sei se hoje ainda acontece, mas eu acho que sim. Lá vão os negro de Sambaquim, olha os negros de Sambaquim. A gente ficava meio chateado. (Quitéria Josefa da Silva, 43 anos).

Estivemos na feira municipal e conversamos com alguns feirantes. Questionamos se conheciam pessoas de Sambaquim. “Ah, os quilombolas?” - essa era a referência que faziam aos seus membros. Muitos alegam que a comunidade era isolada e esquecida, e que passou a ser vista depois que foi reconhecida como comunidade remanescente quilombola. Tal fato é visto com aprovação dentro do quilombo. E afirmam, quando perguntamos:

Você se considera quilombola? O que isso influencia em sua vida?

Com certeza. É inexplicável pra mim, eu não sei se é de mim mesma, mas eu considero muito ser quilombo [...] é muito histórico pra mim. Você é assim, pode ver... assim... eu não sou tão nova, chega por aí e fala assim: “Solange do Sambaquim”, todo mundo já me conhece, porque onde eu chego, na cidade, na rua em Cupira, lá fora onde for, falou mal de Sambaquim: Epa! Peraí, eu sou de Sambaquim. Eu já entro com tudo, tô nem aí ó, tenho nem medo de nada. Eu pra defender minha comunidade enfrento todo o perigo. (Solônia Josefa da Silva, 38 anos).

Graças a Deus tenho orgulho mesmo de ser, de prazer de coração, juro mesmo, tô dizendo a você não é só da boca pra fora não. (Otávio Miguel da Silva, 76 anos).

O resultado das nossas entrevistas evidencia uma construção identitária recente sobre ser quilombola. Esse discurso é novo na comunidade, ganhando força a partir da certificação. Mesmo assim, existe uma consciência e um conhecimento sobre sua origem histórica, fato comprovado na fala dos moradores que é justificada por uma ancestralidade comum: descendentes de escravos. A mediação se torna perceptível porque os entrevistados tomam como referência a titulação. Em outras palavras, eles sabem que são quilombolas desde que nasceram, mas só se sentiram quilombolas depois de um documento oficial.

Com base nos testemunhos orais do grupo construímos essa análise sobre a identidade negra em Sambaquim e como eles atualizaram esse conceito. A revalorização da cor passou a ser o símbolo da luta e tem evocado uma nova percepção sobre eles mesmo e seus processos identitários. Hoje, após a certificação, a comunidade começou a se politizar e a buscar melhorias para quilombo.

A identidade negra no quilombo Sambaquim, de hoje, como foi discutido no ponto anterior, tornou-se essa realidade da qual tanto se fala, mas sem definir ao fundo o que é, ou em que consiste. A identidade objetiva apresentada através das características culturais e linguísticas é confundida com a identidade subjetiva, que é a maneira como o próprio grupo se define ou é definido pela sociedade.

Tomar consciência histórica da resistência cultural e da importância de sua participação na cultura brasileira atual é o que importa e deveria fazer parte do processo de busca da identidade negra por parte da elite politizada. Mas basear busca e construção de sua identidade na “atualmente” dita cultura negra é problemático, pois em nível vivido outros segmentos da população brasileira poderiam lançar mão da mesma cultura e nem todos os negros que no plano da retórica “cantam” a cultura negra a vivem exclusiva e separadamente dentro do contexto brasileiro, assim como não existem brancos vivendo exclusiva e separadamente a cultura dita branca. (MUNANGA, 2012, p. 17).

Essa breve discussão evidencia não só os conceitos e a ressemantização do termo quilombo dentro da comunidade através das lutas e conquistas históricas. Mas de um povo que há muito estivera excluído das políticas públicas. Sambaquim, como comunidade remanescente de quilombo, permanece nas mesmas terras de origem, ganhando visibilidade não apenas como terra de descendentes de escravos, mas principalmente como protagonistas da sua própria história.

A identidade está diretamente vinculada a percepção que cada grupo ou indivíduo tem de si próprio. O quilombola que foi ou é alvo de preconceito, ou que foi discriminado - não só pela cor da pele, mas também por seu local de origem -, tenta se tornar um “igual” e aceitar uma falsa condição (dos outros) sobre a construção do seu próprio eu, utilizando o argumento do agressor na transformação de si. Compactuamos com Gomes, quando afirma:

Entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/raciais sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o outro, volta-se sobre si mesmo, pois só outro interpela a nossa própria identidade. A identidade negra é também uma construção política. Por isso, ela não pode ser vista de forma idealizada ou romantizada. Significa que, no contexto das relações de poder e dominação vividas historicamente pelos negros, no Brasil e na [diáspora], a construção de elos simbólicos vinculados à matriz cultural africana tornou-se um imperativo na trajetória de vida e política dos/as negros/as brasileiros/as (GOMES, 2004, p. 9).

Assim, os valores culturais herdados dos seus descendentes passam a ter menos aceitação pelos jovens da comunidade, porque se tornou motivo de constrangimento. Buscam uma identidade que não pertence a si e nem ao quilombo. Uma consequência do preconceito ao qual o quilombola é vítima – como confirmado na fala da neta de Ulisses Francisco da Silva: “se algo de errado acontecer na cidade, foi Sambaquim”. Porém, mesmo diante das atitudes discriminatórias, ela, como integrante da comunidade, não se faz vulnerável e afirma: “é um orgulho pra comunidade de Sambaquim ser parte dos quilombolas. Eu me sinto. Se alguém me perguntar eu digo que sou de Sambaquim com muito orgulho”.

Considerações finais

Após algumas páginas escritas sobre nossas pesquisas de campo - estas, embasadas nos registros orais e histórias em comum de uma memória coletiva dentro da comunidade, apresentamos um breve relato sobre a história e construção da identidade negra no Quilombo Sambaquim.

Estivemos inúmeras vezes dentro da comunidade, conhecendo o máximo número de moradores possível e compartilhando, junto deles, de cada conversa e história contada, algumas em formas de entrevistas, as quais foram úteis para o desenvolvimento desse artigo,

outras, de formas esporádicas que serviram para ganhar a amizade e confiança dos membros, que, a priori, tiveram uma leve resistência em conversar conosco, pois, não éramos os primeiros a pesquisar dentro da comunidade, e segundo eles, não trouxeram “nada de volta” a ela.

Acreditamos que esses diálogos foram fundamentais para os objetivos aqui propostos, visto que a fonte oral é a base desse trabalho. A interação pesquisador e quilombola nos deu subsídios para traçarmos e tecermos o plano metodológico que apresentamos: identidade, territorialidade e manifestações culturais. Essa estratégia foi necessária no sentido de que nos ajudaram na investigação e na coleta dos dados que queríamos, bem como no entendimento de como se deu o processo da construção da identidade negra do quilombo.

Por fim, ser quilombola em Sambaquim é motivo de orgulho. A identidade negra e a valorização recente da cor proporcionaram uma autoestima elevada na comunidade, mesmo diante das dificuldades. As questões identitárias e as expressões culturais se sobressaíram à episódios de discriminação racial que o grupo sofreu por muito tempo, e ainda sofre. Entretanto, não deixam de lutar por um espaço político e de representatividade na sociedade.

Compartilhamos com vocês, leitores, esta breve pesquisa sobre o imaginário e os simbolismos quilombolas em torno das suas próprias histórias, como a herdada pelos seus ancestrais. Que este artigo contribua para os estudos sobre o quilombo Sambaquim e o autoconhecimento dos moradores.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALMEIDA, A. W. B. de. Os quilombos e as novas etnias. In: O'DWYER, E. C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. São Paulo: ABA/FGV, 2002.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. **Quilombolas. Tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.
- CARDOSO, M. **O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1988**. Belo Horizonte: Mazza, 2002.
- DIAS, Aurea; LOPES, Daline; MANSUR, Douglas. **Movimentos sociais, quilombo e serviço social**. Salvador: XI CONLAB – Diversidade e (Des)Igualdades, 2011.
- DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. História dos quilombos e memórias dos quilombolas no brasil: revisitando um diálogo ausente na lei 10.639/031. **Revista da ABPN**, v. 5, n. 11, jul./out. 2013.
- FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão**: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes [1532-2004]. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- GOMES. Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XVIII. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Revista Etnográfica**, v. IV (2), 2000.

MATTOS, Hebe; CASTRO, H. M. M. Políticas de reparação e identidade coletiva no mundo rural: Antônio Nascimento Fernandes e o Quilombo São José. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 37, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebeldia negra**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do Quilombo na África. In: **Revista USP**, n. 28, São Paulo, 1996.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, a. 3, 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, a. 10, 1002, p. 200-212, 1992.

RATTS, Alex. (Re) conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil Afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Alexandre; DOULA, Sheila Maria. Políticas públicas e quilombolas: questões para debate e desafio à prática extensionista. **Revista Extensão Rural**, DEAER/PGExR – CCR – UFSM, ano XV, n. 16, jul./dez. 2008.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília; CARVALHO, Maria Celina. Atualização do conceito de quilombo: identidade e territórios nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**. Ano V, n. 10, 2002.

SILVA, Conceição; MORAES, Silvânia. O conceito de quilombo e a (re)construção de identidades e espacialidades negras. **Revista Interdisciplinar**, 2009.

SILVA, Jônatas Conceição da. **Vozes quilombolas: uma poética brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2004.

Fontes orais

Antônio Francisco Lira, 92 anos.

João Miguel Filho, 71 anos.

José Joaquim da Silva, 74 anos.

Josefa Estelina da Silva, 68 anos.

Maria Sileide da Silva, 34 anos.

Otávio Miguel da Silva, 76 anos.

Quitéria Josefa da Silva, 43 anos.

Ulisses Francisco da Silva, 91 anos.

Recebido em 25 ago. 2020
Aprovado em 12 out. 2020

